



MÉTODO DE ABORDAGEM E RELACIONAMENTO COM PEQUENOS AGRICULTORES



DOCUMENTOS
Número 35

ISSN 0100-9729
junho, 1985

MÉTODO DE ABORDAGEM E RELACIONAMENTO
COM PEQUENOS AGRICULTORES

Angel Gabriel Vivallo Pinare
Antonio Carlos Schifino
Cynthia Araújo de Lacerda
José Nilton Moreira
Rogério Alves de Santana
Gilbert Jean Armand Vallée
Mário Antônio da Silva
José Vicente da Silva
Francisco Pinheiro Araújo
José Paulo Franzin



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária
do Trópico Semi-Árido - CPATSA

Superintendência de Desenvolvimento
do Nordeste-SUDENE
Projeto Sertanejo

EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 35

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

EMBRAPA-CPATSA

BR 428, km 152

Telefone: (081)961-4411

Telex: (081)1878

56300 Petrolina, PE

Tiragem: 3.000 exemplares

Comitê de Publicações:

Edson Lustosa de Possídio - Presidente

Manoel Abílio de Queiroz

Paulo César Fernandes Lima

Luiz Maurício Cavalcante Salviano

Assessoria Científica deste trabalho:

Aldroville Ferreira Lima

Clóvis Guimarães Filho

José de Souza Silva

Editoração: Elisabet Gonçalves Moreira

Composição: Virgínia Maria de Castro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido, Petrolina, PE.

Método de abordagem e relacionamento com pequenos Agricultores, por Angel Gabriel Vivallo Pinare e outros. Petrolina, PE, 1985.

24p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 35)

Colaboração de: Antonio Carlos Schifino, Cynthia Araújo de Lacerda, José Nilton Moreira, Rogério Alves de Santana, Gilbert Jean Armand Vallée, Mário Antônio da Silva, José Vicente da Silva, Francisco Pinheiro Araújo, José Paulo Franzin.

1. Agricultor-Baixa renda-Aspecto econômico. 2. Agricultor-Baixa renda-Relacionamento-Estratégia. I. Vivallo Pinare, Angel Gabriel, II. Schifino, Antonio Carlos, colab. III. Lacerda, Cynthia Araújo de, colab. IV. Moreira, José Nilton, colab. V. Santana, Rogério Alves de, colab. VI. Vallée, Gilbert Jean Armand, colab. VII. Silva, Mário Antônio da, colab. VIII. Silva, José Vicente da, colab. IX. Araújo, Francisco Pinheiro, colab. X. Franzin, José Paulo, colab. XI. Título, XII. Série.

CDD. 307.72

APRESENTAÇÃO

O Programa Especial de Apoio ao Desenvolvimento da Região Semi-Árida do Nordeste (Projeto Sertanejo) teve como um dos seus objetivos principais a melhoria nas condições de vida e de trabalho dos produtores agropecuários da região, particularmente dos pequenos e médios.

Interagir portanto com esse público-meta é, para a pesquisa agropecuária desenvolvida pelo CPATSA em convênio com o Projeto Sertanejo, uma ação cuja sistemática e metodologia calcou-se na experiência obtida no trabalho cotidiano com 32 propriedades rurais da região de Ouricuri, PE. Esta convivência diária, por mais de um ano, inspirou indagações e reflexões sobre a complexidade e a amplitude da abordagem com os pequenos agricultores.

Por certo que a metodologia proposta não esgota a questão, mas encerra pressupostos fundamentais para o êxito do relacionamento pesquisa-produtor, especialmente nas condições culturais e sócio-econômicas do Nordeste brasileiro.

RENIVAL ALVES DE SOUZA
Chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária
do Trópico Semi-Árido.

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
A RELAÇÃO PESQUISA/PRODUTOR.....	12
OS PRINCÍPIOS DA RELAÇÃO PESQUISA/PRODUTOR.....	14
GANHAR A CONFIANÇA DO AGRICULTOR:	
Uma estratégia de ação.....	16
TRABALHAR COM O AGRICULTOR.....	20
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

**MÉTODO DE ABORDAGEM E RELACIONAMENTO
COM PEQUENOS AGRICULTORES**

Angel Gabriel Vivallo Pinare¹
Antonio Carlos Schifino²
Cynthia Araújo de Lacerda³
José Nilton Moreira³
Rogério Alves de Santana³
Gilbert Jean Armand Vallée⁴
Mário Antônio da Silva⁵
José Vicente da Silva⁵
Francisco Pinheiro Araújo⁵
José Paulo Franzin⁵

RESUMO - Este trabalho apresenta um método de abordagem e relacionamento com pequenos agricultores, a partir da experiência de pesquisa com produtores rurais da região de Ouricuri, PE, desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), através do Programa Nacional de Pesquisa de Avaliação de Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Trópico Semi-Árido. O método indica elementos a serem considerados na pesquisa ao nível de produtor: o conhecimento prévio das condições ecológicas e sócio-econômicas do agricultor; os componentes e princípios da relação pesquisa/produtor; a estratégia de como ganhar a confiança do agricultor e o trabalho propriamente dito com o agricultor. O documento é dirigido a pesquisadores, extensionistas e técnicos dos órgãos de desenvolvimento e visa reforçar a compreensão e o diálogo com os pequenos agricultores.

Termos para indexação: produtor rural, sócio-economia, estratégia de relacionamento.

METHOD FOR APPROACHING SMALL FARMERS

ABSTRACT - This paper presents a method for approaching small farmers. Its main objective is to reinforce the understanding of and the dialogue with small farmers. It is a result of the experience obtained from a on farm research in the region of Ouricuri, Pernambuco, Brazil, conducted by the Agricultural Research Center for the Semi-Arid Tropic of the Brazilian Enterprise of Agricultural Research (CPATSA-EMBRAPA) through its national program for "Evaluation of the natural and socio-economics resources of the Semi-Arid Tropic". The method is based on recommendations of elements to be considered in the research at farm level, such as: previous knowledge of the ecological and socio-economical conditions of the farmer; the components and the principles of the farmer-researcher interaction; strategy to gain the farmer's confidence; and the work with the farmer himself. This paper is addressed to researchers, extensionists and professionals of development institutions.

Index terms: socio-economical resources, farmer's way of life, small farmer.

¹ Especialista em Economia Agrícola, Consultor, IICA/EMBRAPA-Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), Caixa Postal 23, 56300 Petrolina, PE.

² Geógrafo, M.Sc., CPATSA.

³ Eng. Agr. CPATSA.

⁴ Eng. Agr., Consultor, GERDAT/IICA/EMBRAPA-CPATSA.

⁵ Técnico Agrícola, CPATSA.

MÉTODO DE ABORDAGEM E RELACIONAMENTO COM PEQUENOS AGRICULTORES

Angel Gabriel Vivallo Pinare¹
Antonio Carlos Schifino²
Cynthia Araújo de Lacerda³
José Nilton Moreira³
Rogério Alves de Santana³
Gilbert Jean Armand Vallée⁴
Mário Antônio da Silva⁵
José Vicente da Silva⁵
Francisco Pinheiro Araújo⁵
José Paulo Franzin⁵

-INTRODUÇÃO

A pesquisa, ou os pesquisadores, ao enfocarem o meio rural, em particular os pequenos agricultores, têm presentes uma indagação constante: é possível fazer pesquisa agropecuária com (e para) os pequenos agricultores do Se mi-Árido?

Essa indagação pode ser aparentemente sem propósito. Entretanto, ao nível corrente do senso comum, e até em trabalhos técnico-científicos, questiona-se a possibilidade de gerar tecnologia para um cliente apático, que não segue as orientações. Os agricultores são geralmente considerados ignorantes, desinteressados, desconfiados, ingratos e que não possuem a mínima dimensão do esforço que os técnicos realizam para incorporá-los ao progresso científico.

¹ Especialista em Economia Agrícola, Consultor, IICA/ EMBRAPA-Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Se mi-Árido(CPATSA), Caixa Postal 23, 56300 Petrolina, PE.

² Geógrafo, M.Sc., CPATSA

³ Eng. Agr. CPATSA

⁴ Eng. Agr., Consultor, GERDAT/IICA/EMBRAPA-CPATSA

⁵ Técnico Agrícola, CPATSA.

Por outro lado, a agricultura é constituída pelo conjunto dos produtores rurais. É ao nível da propriedade agrícola⁶ que o progresso técnico será testado e avaliado. Dessa forma, o agricultor é o ponto fundamental de partida para qualquer estratégia agrícola voltada para o progresso técnico. Sem a sua participação ativa nas negociações e nas realizações da pesquisa agropecuária não se logrará o sucesso almejado, por todos nós, para os produtores do Semi-Árido.

A pequena agricultura, mesmo sendo responsável pela maior parte da produção de alimentos no País, não tem sido tratada com a devida atenção. Está constantemente sofrendo interferências de uma série de mudanças exteriores que agridem o agricultor, tratando-o como mero espectador das transformações incontroláveis que agitam seu sistema econômico, suas relações sociais, culturais e religiosas.

Essas transformações rápidas afetam diretamente os membros da sua família, principalmente seus filhos, capturados pelo êxodo rural. Os seus produtos são cada vez mais mal pagos e tendo que produzir mais para comprar menos, a terra "dá" menos e trabalha-se mais (Tavares & David 1982).

Outro ponto crítico é o crédito agrícola, que tem transformado os pequenos agricultores em "operários" em tempo integral do banco, dos comerciantes ou da agroindústria (Servolin 1972). Este fato se deve à inadequação das linhas e operações de crédito existentes.

As técnicas e tecnologias desenvolvidas não são utilizáveis diretamente em suas propriedades, pois, as sementes e as raças de gado foram produzidas e testadas fora da região semi-árida, em condições diversas e conseqüentemente inadequadas às reais necessidades do produtor do sertão, devendo passar por um processo de adaptação e adequação.

⁶ No texto os termos: propriedades rurais, fazenda, propriedade, sítio, pequena propriedade, unidade de produção, referem-se aos espaços físicos e sócio-econômicos utilizados pelos pequenos agricultores.

Enfim, todo um novo sistema de vida instala-se na porta do pequeno agricultor, baseado na competência e na eficiência, no qual o mais forte deve-se impor. As relações de solidariedade deixam de existir, suas crenças são cada vez menos respeitadas pelos "forasteiros" e pelos jovens da região.

Esta situação reflete-se numa problemática psicossocial complexa que acarreta o desestímulo do agricultor em buscar novas opções. Pois, esse se considera "incapaz e incompetente" de absorver tantas transformações.

Infelizmente, a desorganização dos agricultores da região semi-árida impede que eles expressem a essa sociedade mutante suas necessidades mais urgentes. Este fato é agravado pela burocracia e tecnocracia que, ao utilizar uma linguagem complicada, não facilita uma relação mais fluente com o agricultor.

A reação do agricultor frente a essa situação adversa é o silêncio, a resignação frente ao "progresso", o fatalismo de sua condição, o ceticismo para as inovações que não têm trazido benefícios para ele (Corréze 1976).

Porém, apesar dessa complexidade de problemas, o pequeno agricultor lentamente se acomoda às trocas e à sua "irracionalidade" lhe permite sobreviver, mesmo num equilíbrio muito precário com o sistema ecológico e sócio-econômico. Paulatinamente, ele se transforma em interlocutor de primeira importância dos responsáveis da pesquisa e do desenvolvimento, eliminando para sempre os conceitos caducos do desenvolvimento, da idade das cavernas, baseado "na ajuda" e no conselho técnico ao agricultor (Dias 1978).

Dessa forma, o pesquisador do meio rural confronta suas opções tecnológicas com as soluções do sistema de produção do agricultor. As opções mais aptas e adequadas surgem desse diálogo e poderão ser utilizadas pelos pequenos agricultores.

Assim, o presente trabalho é fruto da experiência desse diálogo e procura apresentar de forma sistemática o processo de abordagem e relacionamento com os pequenos produtores do Semi-Árido.

A RELAÇÃO PESQUISA/PRODUTOR

A base do trabalho assenta-se no relacionamento que a equipe de pesquisadores agrícolas realizou no desenvolvimento do convênio SUDENE-Projeto Sertanejo e EMBRAPA-CPATSA, através do Programa Nacional de Pesquisa 027, para geração de métodos de avaliação do Projeto Sertanejo ao nível de núcleo, ao qual se destina a presente publicação. As ações de pesquisa foram desenvolvidas com produtores atendidos pelo Núcleo do Projeto Sertanejo de Ouricuri, PE.

Como ressaltamos anteriormente, a pequena e média produção deve ser encarada no interior de um conjunto complexo. Em decorrência dessa complexidade, as pesquisas desenvolvidas em Ouricuri, PE, possuem diferentes níveis de abordagem. E procuram identificar, ao nível dos produtores, quais são os fatores que limitam a produção e produtividade de das plantas e dos animais (Miranda 1981).

Entre os objetivos metodológicos está o de responder na prática como abordar os agricultores, tendo em vista o relacionamento destes com a pesquisa e vice-versa.

O ponto de partida para um relacionamento efetivo com os agricultores, é o conhecimento preciso da sua situação ecológica e sócio-econômica e, como decorrência, as condições agroecológicas que desfrutam, para termos presente os fatores que interferem na produção e reprodução das suas existências.

Estes conhecimentos devem satisfazer os diferentes níveis de precisão e complexidade, partindo do nível regional e chegando à propriedade.

a) Nível regional (ou local)

Os levantamentos de dados devem respeitar a estrutura político-administrativa, para que os seus produtos possam ser utilizados posteriormente pelos órgãos de desenvolvimento. São compostos dos seguintes conteúdos:

- . levantamento e caracterização dos ecossistemas: com porta o estudo e mapeamento de unidades fitoecológicas

cas e morfopedológicas;

- . caracterização e diagnóstico sócio-econômico: comporta a qualificação da estrutura agrária, através da análise geral de dados pré-existentes (censos) sobre a área trabalhada.

b) Nível de unidade de produção

Os levantamentos objetivam dois produtos básicos: o primeiro de caráter geral, representado pelo diagnóstico agropecuário; o segundo, de caráter específico, representado por um grupo amostral de produtores a serem acompanhados.

Na ausência desta sistemática não é possível abordar o produtor de forma satisfatória, razão pela qual os pesquisadores do meio rural devem ter uma formação que transcenda a sua especialidade e abranja a problemática agrária geral. Esses passos refletem os níveis de preocupação das pesquisas realizadas em Ouricuri, PE.

As pesquisas abrangeram um universo diferenciado de produtores, que correspondem à intensidade e ao detalhe das ações de pesquisa, conforme segue:

- . estudos agroecológicos e diagnóstico sócio-econômico envolvendo aproximadamente 400 propriedades rurais (inquérito único);
- . estudos de produção animal e acompanhamento da produção vegetal; o primeiro em caráter de inquérito único e, o segundo, em período mensal durante a estação das chuvas, abrangendo 83 propriedades;
- . acompanhamento mensal da produção vegetal (estado fenológico, crescimento vegetativo e operações culturais) e observações sócio-econômicas, abrangendo 60 propriedades;
- . estudo do êxodo rural, pesquisa realizada em 40 propriedades sobre os movimentos populacionais;
- . acompanhamento diário, realizado em 32 propriedades, comportando levantamentos de produção vegetal, força

de trabalho, consumo da unidade familiar e movimentos econômicos e sociais.

Para chegar ao acompanhamento diário das 32 propriedades desenvolveu-se, entre os pesquisadores e os agricultores, uma ligação baseada na confiança e satisfação de interesses mútuos, que cumpriram as seguintes etapas:

- 1ª) observações agronômicas, realizadas em parcelas instaladas nos campos dos agricultores e conversações sobre os problemas de produção, sem entrevistas formais, com periodicidade mensal;
- 2ª) após o estabelecimento de um certo grau de confiança, levantamento agronômicos e sócio-econômicos através de entrevistas com formulários, de caráter diário;
- 3ª) continuação dos levantamentos formais e negociação de testes agronômicos com os produtores realizados em parcelas de observação, instaladas nas propriedades.

A partir das relações estabelecidas entre pesquisa e produtor, procuramos apresentar, neste trabalho, os elementos mais importantes de uma experiência vivenciada de forma constante por uma equipe de pesquisa de campo com os pequenos agricultores na região de Ouricuri, no sertão de Pernambuco.

OS PRINCÍPIOS DA RELAÇÃO PESQUISA/PRODUTOR

Não existe uma metodologia codificada que um pesquisador possa utilizar para abordar os pequenos agricultores, com o objetivo de efetuar pesquisas ao nível das explorações agrícolas. Mas, pode-se, à luz das experiências adquiridas, colocar algumas orientações elementares que traçam um princípio de pesquisa, baseado em três pontos

1ª) Igualdade e respeito

O diálogo não pode ser frutífero para o pesquisador e o agricultor se, desde o início da relação, o princípio da igualdade e respeito não existir entre os dois lados.

Este princípio é inato à maioria dos agricultores, mas para os pesquisadores significa, na maioria das vezes, fazer um esforço para pôr-se ao nível da compreensão do agricultor ou para compreender o produtor. O complexo de superioridade, por vezes adquirido graças a um diploma, deve ser eliminado da confrontação agricultor/pesquisador.

2º) Intercâmbio de experiências

A condição social e econômica do agricultor não é fator determinante do grau de seu conhecimento do sistema agroecológico e sócio-econômico, no qual está inserido. Na maioria dos casos, os conhecimentos sobre o ambiente em que vive são de importância singular para o pesquisador que, comumente, não possui vivência dos problemas e desconhece os sistemas técnicos que são praticados. Mesmo com todas as inadequações dos sistemas de produção do agricultor, este, de fato, é que provê a subsistência de sua família, o que demonstra um equilíbrio relativo dos sistemas praticados. Em suma, o agricultor não deve ser considerado como um ignorante, mas como um indivíduo que tem tanto a aprender como ensinar (noção de intercâmbio).

3º) Complexidade

Cada agricultor, como todos os indivíduos, têm diferentes objetivos, problemas, conhecimentos, meios de produção etc. Não existe o pequeno agricultor, não existe o caso particular, existem casos particulares.

A multiplicidade das situações sócio-econômicas, além das variações ecológicas, tornam a problemática dos pequenos agricultores extremamente complexa; isto faz com que os sistemas de observação e de análises sejam adaptados, flexíveis, precisos e amplos para representar um grande número de situações diferentes. Este princípio é satisfeito a partir do conhecimento prévio das condições do agricultor, a que nos referimos anteriormente (passos da pesquisa).

Frente a estes princípios, as pesquisas em meio rural (real) de pequenos agricultores precisam de pesquisadores com grande capacidade de adaptação, sentido de diálogo, capacidade técnica e de trabalho. Muitas destas qualidades

não podem ser impostas, devem ser voluntárias do pesquisador. O certo é que o pesquisador não possuindo as qualidades necessárias, ou não respeitando os princípios precedentes, não tem a mínima possibilidade de efetuar um trabalho sério com os agricultores. Porque não pode "sentir" o agricultor não será capaz de aprender nem compreender um universo de informações importantes. O agricultor será sempre seu objetivo de pesquisa e não um interlocutor de suas preocupações científicas.

O resultado maior do trabalho do pesquisador, que não estiver cōnscio destes ditames, será uma informação técnica com meias verdades, cheias de dados inexatos e que dará origem a projetos de desenvolvimento sem a menor aproximação da realidade, baseados em pressuposições mascaradas por um mito científico. Dessa forma o pesquisador, em particular o de sistemas de produção, além de sólidos conhecimentos técnico-econômicos, deve possuir qualidades e sensibilidade para apreender os problemas sócio-econômicos e culturais que o agricultor integra em seu sistema produtivo.

GANHAR A CONFIANÇA DO AGRICULTOR: Uma estratégia de ação

Para um efeito positivo de relacionamento, o primeiro contato é logicamente muito importante, devendo ser o mais descontraído possível. Esse contato inicial nunca deve ser feito através de políticos locais, fiscal de banco ou um coletor de impostos, enfim por indivíduos ou instituições que tradicionalmente inibem e constroem o agricultor. Os passos seguintes terão maior fluidez se obedecida esta questão.

Portanto, podemos dividir em duas etapas o processo de abordagem dos pequenos agricultores.

a) Apresentação e primeira entrevista

Deve ser feita uma apresentação pessoal e do organismo de trabalho do pesquisador, através de uma conversa informal. Este primeiro contato será muito facilitado se o

pesquisador estiver acompanhado por alguém que conheça o agricultor e os problemas regionais (exceção dos acima citados), podendo ser um técnico da extensão rural, um representante da organização dos agricultores ou de instituições com as quais o agricultor não tenha relação conflitiva (exemplo: Igreja). A conversação deve versar sobre:

- . os problemas do presente ano agrícola, sem detalhes;
- . explicar claramente o que deseja o pesquisador e que o trabalho tem o objetivo principal de melhorar conhecer a agricultura da região;
- . explicar que a continuidade do trabalho só será possível com a participação do agricultor.

Neste primeiro contato, em hipótese alguma, pode haver formas ostensivas de anotação de dados, gravação das conversas, aplicação de questionários ou outros inquéritos sistematizados. E nem conter perguntas de caráter pessoal e sobretudo financeiras sobre o agricultor ou a sua família.

Outro ponto importante é não haver a confrontação dos conhecimentos do pesquisador com os do agricultor; estes dados devem ser apenas considerados pelo pesquisador para caracterizar o entrevistado. A conversação deve ser sempre clara para o agricultor, com palavras de seu uso cotidiano. É preciso que ele realmente compreenda do que se trata. Deve-se evitar empregar siglas, termos técnicos, palavras ou conceitos alheios à cultura. A complexidade de problemas contribui para que o agricultor seja, no começo, cético e desconfiado. É certo que ele vai querer ver o que se fará realmente antes de ceder sua confiança.

E, finalmente, a primeira entrevista não deve ter por objetivo conduzir o agricultor a se compro

meter com qualquer coisa ou atividades; os acordos, negociações e outros acertos deverão ser procedidos em outra oportunidade.⁷

b) Continuidade do contato: conhecimento do agricultor

O conhecimento do agricultor se faz gradualmente, em sucessivas visitas e entrevistas na sua propriedade, sempre procurando evitar contatos longos e exaustivos.

É possível que, a partir da segunda entrevista, o agricultor passe a indagar e dar sua opinião sobre o trabalho mas, na maioria dos casos, isso ocorrerá muito tempo depois. Antes de associar-se, o agricultor irá observar detalhadamente o técnico encarregado da sua propriedade e, segundo as atividades desta pessoa, é que decidirá se continua ou não com a relação. Essa avaliação da pessoa do técnico, se positiva, irá aproximar e integrar o agricultor aos trabalhos espontaneamente.

Outro fator importante para a continuidade do trabalho é que a adesão do agricultor seja voluntária. O pesquisador deve explicar passo a passo os objetivos do trabalho e as suas etapas, não importando quantas vezes for necessário repetir essas informações. Deve deixar claro qual a responsabilidade do produtor e do pesquisador no trabalho realizado, e qual tipo de colaboração se deve estabelecer entre os dois parceiros.

⁷ "Os agricultores têm sido abandonados por gerações sucessivas, em uma região que não faz "presentes", onde viver é heróico, tendo graves problemas econômicos a resolver. Assegurar a comida da família converte-se em um pesadelo cotidiano, devido às suas condições sócio-econômicas, agravadas pelos problemas climáticos. E não seremos nós, da pesquisa, que iremos introduzir mais percalços nessa situação crítica". (Pensamento comum dos membros da equipe de pesquisa).

A credibilidade no pesquisador e nos demais membros da equipe de pesquisa será maior se estes respeitarem conscientemente alguns pontos primordiais:

- a família do agricultor: é preciso conhecer bem a família do agricultor, procurando evitar relações que poderão gerar conflitos (principalmente sentimentais);
- as crenças do agricultor: não contestar ou criticar os valores religiosos e morais, inclusive não trabalhar nos dias cultuados pelo agricultor;
- a propriedade do agricultor: não realizar nenhuma transação comercial com o agricultor (compra ou venda de produtos e outras mercadorias), evitando inclusive utilizar roupas que tragam propagandas de produtos e insumos agrícolas;
- sua hospitalidade: participar das atividades da propriedade, se convidado; nunca forçar tal participação. Uma forma que permitirá discussões francas e descontraídas é compartilhar a mesa com o agricultor;
- sua privacidade: deve-se evitar transmitir os problemas de um agricultor para outro; dar todas as garantias ao agricultor que os dados levantados são sigilosos e de uso exclusivo no trabalho realizado e que os mesmos não o identificarão pessoalmente frente a outros órgãos governamentais.

Portanto, o pessoal envolvido tem que conhecer muito bem essa problemática e ganhar a confiança do agricultor para desenvolver o seu trabalho. Para ganhar esta confiança é preciso que reflita sobre estes pontos expostos e sobre alguns outros fatos que são marcadamente relegados ou ignorados em relação aos pequenos agricultores. O principal é que sua experiência agrícola, seus sistemas de produção são o resultado de pelo menos 200 anos de exploração e convivência com a natureza, enquanto que os conhecimentos da pesquisa sobre seus sistemas são raros, superficiais e carregados de preconceitos tecnocráticos ou sociais ("atrasados", "ignorantes" etc).

TRABALHAR COM O AGRICULTOR

Os estudos dos sistemas de produção dos agricultores de vem abranger todos os componentes da unidade de exploração agropecuária, ou seja, a fazenda deve ser encarada como um sistema e, como tal, composto de subsistemas de produção vegetal, chegando-se ao nível de campo, produção animal, por tipo de rebanho; e outras atividades produtivas, como artesanato, extrativismo etc. Esses subsistemas devem ser mensurados em termos de estrutura e função no interior da unidade de produção. Para tanto é necessário o levantamento de todas as operações de trabalho direta ou indiretamente produtivas, realizadas na unidade de produção pelo agricultor e pelos membros de sua família.

Os acompanhamentos e levantamentos realizados devem obedecer a uma rotina de trabalho, a ser desenvolvida num determinado período e com uma determinada periodicidade, através de instrumentos de campo (fichas), com as seguintes características:

- Os inquéritos e fichas não devem ser longos e massivos. O indicado é que as informações mais detalhadas e complexas sejam obtidas em várias aplicações ao longo do tempo. Essa sistemática evita que o agricultor pare suas atividades por horas consecutivas de trabalho;
- os instrumentos de levantamento precisam ser claros para quem vai aplicá-los, ou seja, é necessário que todo instrumento tenha sido testado anteriormente. Essa medida evita que o aplicador não conheça adequadamente o instrumento e seu conteúdo;
- o conteúdo dos instrumentos de levantamento devem ser precisos, ou seja, não se deve fazer uma série de perguntas ou levantamentos, cujos resultados não têm muito claras a aplicação e tratamento. Essa atitude evita que se canse o agricultor desnecessariamente;
- o agricultor deve ser informado, esclarecido e consultado previamente sobre cada uma das fichas a serem

aplicadas;

- Finalmente, mais em caráter de observação, todos esses instrumentos devem ter forma definitiva e sistematizada, inclusive de tabulação dos resultados, para evitar a sua reaplicação, ou duplicidade de levantamentos.

Outro fator importante para trabalhar com o agricultor é conhecer as áreas internas da unidade de produção (campos, instalações, reservas de água). E, quando possível, utilizar-se de uma planta da fazenda, com a disposição dos campos e demais dados.

A sistemática do trabalho de acompanhamento agrônômico impõe a seleção de parcelas de observação nos campos do agricultor. Essa atividade necessita uma atenção particular, pois é importante que o agricultor sinta que ele trabalha o seu campo e do seu jeito. Deve-se evitar que o produtor faça distinção entre a área observada e acompanhada pela pesquisa, e chegue a dizer: "este é o campo do doutor; é o trabalho de fulano; esse campo está feito no jeito de beltrano".

Um sucesso menor feito à maneira do agricultor, é mais interessante que um grande êxito (produção, rendimento) no qual o agricultor esteja absolutamente alheio ao processo.

Dessa forma, o pesquisador e demais membros da equipe de campo devem ter presentes os seguintes pontos:

- realizar os trabalhos de pesquisa sem perturbar o calendário de trabalho agrícola do agricultor nem interferir (pelo menos nesta fase inicial de pesquisa) nos seus itinerários técnicos;
- utilizar e valorizar os conhecimentos do agricultor, mostrando e discutindo os resultados obtidos.

Estas orientações conduzem a um ponto crucial no relacionamento (e na abordagem) dos pequenos produtores, ou seja, a confiança no pesquisador e na pesquisa. Não somente a confiança pessoal, mas a confiança na capacidade. De

vido ao respeito e observação detalhada do sistema de produção do agricultor, é possível orientá-lo para as melhores opções. Isto fica claro quando notamos que o agricultor não aceitará nenhuma inovação técnica se esta não for interessante socialmente (por exemplo, diminuindo a quantidade e esforço do trabalho) e economicamente (custo, acesso e retorno).

Devem ser evitadas as determinações agressivas que visam modificar rápida e radicalmente o estágio técnico do agricultor, como por exemplo: querer desenvolver a todo custo certos cultivos ou introdução de cultivares desconhecidos, enquanto o produtor está interessado em desenvolver pecuária. Um assunto aparentemente sem importância para o pesquisador, pode ser muito importante para o agricultor; o resultado de um confronto será danoso, representando o isolamento e distanciamento da pesquisa agropecuária em relação ao produtor rural. Devemos, ainda, ter sempre presente que o agricultor poderá desistir do trabalho no meio do caminho. Nessa oportunidade teremos de aceitar este fato como normal, não forçando, de maneira alguma, o agricultor a continuar o trabalho ou assumir qualquer outro compromisso.

Em definitivo tudo tem que passar pelo agricultor e o pesquisador não deve sucumbir à tentação de substituir o agricultor. Deve ajudar o agricultor, para estreitar o relacionamento, compreendendo os problemas técnicos que o afligem, no complexo meio ecológico e sócio-econômico em que vive.

CONCLUSÃO

Na avaliação e caracterização dos sistemas de produção o agricultor é o ponto de partida e de chegada dos estudos ao nível das explorações agropecuárias de uma região.

As observações realizadas mostram que a abordagem de um agricultor precisa de um mínimo de conhecimento de sua realidade e, sobretudo, das suas condições sócio-econômicas, além de uma boa base de conhecimento da sociologia e

da psicologia do agricultor, independente da área de pesquisa ou especialização. Grande parte do êxito do trabalho vai depender das relações humanas, que não podem ser desprezadas, por serem de importância capital na pesquisa ou em qualquer processo de conhecimento.

Dessas relações dependerá o compromisso do agricultor e a possibilidade das inovações técnicas e sócio-econômicas no seio da exploração agropecuária.

E, finalizando, o cientista que sabe ver e estudar capitalizará, para a colaboração agricultor/pesquisa, uma gama de conhecimentos em domínios variados e do meio rural que os livros não poderão lhe dar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILLAZ, R. & DIAWARA Y. **Enquêtes en milieu rural sahelien**. Paris, Presses Universitaires de France, 1981. 195p.il.
- CORRÉZE, J.M. Réflexions sur l'aménagement rural. **Correspondances Municipales**, Paris, (163): 21-37, 1976.
- DIAS, G.M. **Depois do latifúndio continuidade e mudança na sociedade rural nordestina**. Rio de Janeiro, RJ., Tempo Brasileiro/Universidade de Brasília, 1978. 248p.il. (Biblioteca Tempo Universitário, 48).
- INSTITUT PANAFRICAIN POUR LE DÉVELOPPEMENT, Paris, France. **Comprendre une économie rurale; guide pratique de recherche**. Paris, L'Harmattan, 1981. 170p.il.
- MIRANDA, E.E. de. **Métodos de pesquisa agrônômica sobre as limitações dos rendimentos culturais a nível de pequenos e médios agricultores do Trópico Semi-Árido do Brasil**. Petrolina, PE, EMBRAPA-CPATSA, 1981. 56p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 10).
- SERVOLIN, C. L'absorption de l'agriculture dans le mode de production capitaliste. In: TAVERNIER, Y.; GERVAIS, M. & SERVOLIN, C. ed. **L'univers Politique des Paysans dans la France Contemporaine**. Paris, Armand Colin, 1972. p. 41-77.
- TAVARES, M. da C. & DAVID, M.D. **A economia política da crise; problemas e impasses da política econômica brasileira**. Rio de Janeiro, RJ., Vozes, 1982. 141p.